

Stadium

N.º 105 ★ 6 DE DEZEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50



OCTAVIANO

excelente médio do F. C. Porto

um dos elementos que melhor contributo forneceu à sua equipa para a vitória de domingo sobre os campeões lisboetas

ATLETISMO

Análise da época de 1944

pelo dr. SALAZAR CARREIRA

V — OS SALTADORES

A época foi favorável aos saltadores, que obtiveram resultados interessantes e em apreciável quantidade — e, a par da confirmação de alguns valores, proporcionou ocasião a que se revelassem esperanças novatas.

Das quatro modalidades do salto foi o comprimento aquela onde se registaram melhores marcas, relativamente às médias nacionais, seguindo-se-lhe a vara, a altura e o triplo, especialidade na qual escanciam nas nossas falanges os homens com recursos e técnica satisfatória.

Os concursos de saltos obrigam a cuidadosa preparação, ao estudo metódico dos gestos e da respectiva coordenação; isto dá muito trabalho, require grande persistência e rigorosa especialização.

Na quasi totalidade dos saltadores, o estilo é rudimentar e os defeitos apontados repetem-se de época para época, com raras excepções. Para frisante exemplo da leveza preparação da maioria dos praticantes desta categoria de provas, basta relembrar a enorme percentagem de tentativas inutilizadas, pelos saltadores em comprimento, por ultrapassagem do limite ou chamada recuada, ambas as coisas consequência de corrida mal balizada, que é a mais elementar condição da aprendizagem do exercício.

Alvaro Dias meiceu a referência inicial no capítulo de hoje; e treante em 1942, bateu este ano o «recordo» nacional com 6,92 m. e 6,95 m., não contando uma tentativa que lhe foi anulada em Lisboa e sobre cuja legalidade ficaram dúvidas. No decurso das três provas em que tomou parte (18 saltos), ultrapassou ainda três vezes os 6,80 m. e teve outros tantos pulos além dos 6,70 m.

O campeão sportinguista é atleta com boas perspectivas e de quem esperavamos ainda na época finda a proeza, há tanto esperada, de uns sete metros. Progrediu consideravelmente, não apenas em resultados mas também em técnica, mas corre ainda bastante mal e não tem a indispensável segurança na corrida de balanço. No Pôrto, no decurso do nacional, perdeu as três últimas tentativas porque pisou o limite. Tem classe internacional.

Na mesma especialidade distinguiram-se ainda Edgar Tamegão (6,88 m.), magnífico atleta que tem descuidado a sua preparação, sem o cuidado necessário; Homero Reis (6,46 m.), uma revelação da temporada, que pode vir a ser o melhor português no triplo-salto se quiser sujeitar-se à rigorosa preparação física que a prova exige; e António Marques (6,64 m.), que apenas dedica ao atletismo os vagares do futebol.

Outros nomes a reter: João Mendonça, Luís Alcide, Vicente (que não deve no entanto perder-se nestas fantasias), Abreu Lima (grande atleta que não cultiva o atletismo) e Joaquim Silveira, com vistas a mais largo futuro.

No triplo-salto só Luís Alcide se mostrou da classe dos nossos melhores; 13,81 m., 13,71 m. e 13,21 m. foram as marcas com que venceu todas as provas de que participou. Devia consagra uma época apenas ao triplo-salto, regulando cuidadosamente a relatividade dos três pulos, e alcançaria prémio compensador.

Homero Reis é o único novo credor de confiança; dos já experimentados não se pode esperar surpresa agradável: António Santos pratica o triplo como Ingres tocava rabeca; Moniz Pereira é o nosso especialista mais apurado, mas faltam-lhe recursos físicos em peso e velocidade; Renato Espírito Santo pareceu em declínio; e Tamegão irregularíssimo.

Passemos agora ao salto em altura; o melhor, Matos Fernandes; o mais animador, Seródio Gomes.

O campeão nacional teve muito fraca época (1,75 m.) porque é impossível obter grandes resultados dispersando a actividade por todas as provas onde se oferece uma possibilidade de conquistar pontos.

O esperançoso saltador do «Cif» (1,72 m.) tem muito que aprender — mas não lhe faltam as possibilidades naturais. O seu destino depende tanto da sua boa vontade como do bom ou mau critério de quem o orientar.

João Durães não trabalha o suficiente para progredir; cristalizou em estilo defeituoso e assim não consegue aquilo que pode pelo seu valor.

Citações honrosas: Luís Alcide, Queiroz Vieira, Menezes, Monteiro Baptista e esse grande saltador perdido que se chama Robalo Gouveia.

Acabemos pelos saltadores à vara, cujo número 1 compete ao benfiquista António Santos, um estreante do ano precedente.

Os seus 3,51 m. foram a afirmação de uma classe que ninguém desconhecia; tem estilo interessante e regular corrida, mas insuficiente poder físico. Deve trabalhar no ano inteiro, aproveitando o ginásio durante o inverno. Outro novo muito habilidoso é Santos Vieira, que só esta época ingressou nas competições oficiais, mas era conhecido e apreciado há alguns anos como representante do Colégio Militar nas provas da «Mocidade Portuguesa».

Ficou a substituí-lo, no mesmo prestigioso alfobre de atletas, um rapaz com não menor aptidão: Vieira da Fonseca, de quem havemos de falar com certeza em anos futuros.

Na falange dos antigos, Montalvão Fernandes, Martins Vieira e o mais novo, Mário Lemos, alcançaram boas classificações; o português Montalvão ganhou o campeonato nacional com um salto paradoxo — nada aperfeiçoou o seu estilo e por isso não sabemos de quanto será capaz; Martins Vieira lutou com o saber da sua veterania, ganhou jús aos melhores aplausos pelo seu entusiasmo de deportista, mas não é lícito supor que se sobrepe; Mário Lemos, enfim, é um excelente ginasta, ágil e conhecedor, mas a quem tem faltado a imprescindível regularidade de treino.

Alfredo Valadas

despediu-se da actividade

recebendo eloquentes demonstrações de apreço

Mais um jogador, dos de maior nomeada, deixou de pisar os nossos te renos de futebol, por ter julgado oportuna a sua retirada das lides desportivas. Referimo-nos ao popular e correcto extremo esquerdo Alfredo Valadas, que durante a maior parte da sua carreira defendeu as cores do não menos popular Sport Lisboa e Benfica.

O afastamento deste jogador constituiu a nota dominante dos acontecimentos desportivos da última semana. Não admira que tal tenha sucedido. Como se não fosse bastante ter envergado a camisola de um clube cuja massa associativa é das que melhor sabe acarinhar e ser grata aos seus representantes, Valadas era dos poucos jogadores que sabia, até, conquistar a admiração e simpatia dos próprios adversários.

O público — esse grande público da bola — a quem, a um tempo, Valadas proporcionou alegrias e decepções, não quis deixar de lhe testemunhar, na hora da partida, quanto sentia a sua retirada. E, assim, uma tarde de futebol que seria vulgaríssima acabou por redundar numa festa que, por ser simples, não deixou de ser altamente significativa.

Alfredo Valadas, que nos seus quinze anos de actividade tantas horas de satisfação deu aos adeptos do seu Benfica, não só quando marcava um «goal» vitorioso mas também quando se lhe deparava o ensejo de fornecer um exemplo de desportivismo — habituado, portanto, a grandes ovações — viveu na última sexta-feira um dos melhores momentos da sua carreira.

Valadas não escondeu a emoção que lhe causava a despedida. Mais do que a calorosa ovação da assistência deve-o ter chocado o elogio, aliás justíssimo de altas individualidades que acorreram à cerimónia.

Desde as palavras de Ribeiro dos Reis, traçando o perfil do homenageado, até ao elogio feito pelos drs. Bento Coelho da Rocha e Ayala Boto, tudo deve ter constituído para

(continua na pág. 15)

A viagem do Chefe dos Desportos

A visita que o sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro e os srs. capitão António Cardoso e dr. Salazar Carreira fizeram nos passados dias 1 a 3 à cidade do Pôrto, ficará assinalada por extraordinária projecção, pois definiu o apreço de todo o movimento desportivo norteño pela obra de disciplina, moralização e incentivo que está sendo desenvolvida pela Direcção Geral de Desportos, ao mesmo tempo que consagrou o prestígio e simpatia pessoal do chefe responsável em tão importante departamento do Estado.

Desde o momento da sua chegada ao Pôrto, o Director Geral de Desportos andou envolvido em permanente atmosfera de homenagem, ouviu os mais calorosos aplausos à sua maneira conscienciosa e íntegra de interpretar o espírito da doutrina do governo da Nação em matéria de educação física da juventude, de orientação e estímulo ao desporto honesto e consciente.

No decurso de longa peregrinação, sem uma hora de desvio do curso pré-estabelecido, seguindo das instalações de um clube para as instalações de outro, de uma reunião de dirigentes para uma recepção oficial, o chefe do desporto português pôde ouvir, sucessivamente apresentadas, todas as aspirações e necessidades dos organismos regionais, pôde ver e analisar os resultados admiráveis do entusiasmo e persistente labor de muitos e as lamentáveis consequências do fatalismo ou da incuria de alguns.

Para todos encontrou a referência justa e conveniente e a ninguém, das pessoas que acompanharam este notável digressão de exame, passou despercebido o benefício que dele resul-

tuou, tanto para o alto dirigente responsável, que necessita avaliar os sentimentos dos dirigidos, respectivas capacidades de trabalho e espírito de colaboração, como para esses mesmos dirigidos, que recebem numa referência elogiosa o melhor estímulo para prosseguirem no seu sacrifício por uma causa superior, ou numa apreciação severa e justa o reagente precioso para modificarem uma altitude inconveniente.

É indiscutível que os organismos portugueses, desde os de maior categoria aos mais modestos, manifestaram claramente ao sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro o mais caloroso e expressivo aplauso pelas medidas promulgadas com vistas à salvaguarda de todos os direitos legítimos, na defesa dos mais nobres princípios da moral expressa no estatuto do desporto português.

São indispensáveis, para o conhecimento exacto da opinião pública em matéria de orientação desportiva, as visitas como esta que o sr. Director Geral de Desportos acaba de fazer à capital do Norte. É de desejar se repitam noutras regiões do País, até conclusão de uma inspecção global que traduza o interesse existente e determine o ambiente reservado aos mesmos problemas nos mais diferentes meios interessados.

O Pôrto, que quis ser o primeiro a emitir parecer, fez-o de forma eloquente, insofismável, acarinando o seu ilustre visitante e patentando-lhe em tudo e por tudo o seu aplauso e o seu agradecimento.

O facto é muito mais importante do que possa imaginar quem vê dos factos apenas o sentido objectivo.



NO MUNDO DA BOLA



PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

Há resposta para tudo...

P. 12—Qual o clube que tem mais vitórias sobre o Benfica? Qual o melhor jogador entre todos os que alinham na Primeira Divisão?

Quem é o melhor guarda-rédes: Azevedo ou Martins?
(Sportingista, de Sabugal).

O Sporting. Já se defrontaram 157 vezes, em desafios oficiais e particulares, Benfica e Sporting. O Sporting tem 70 vitórias. O Benfica 61. Empates 26. O Sporting marcou 294 goals e o Benfica 279.

Essas perguntas são sempre de difícil resposta, porque há onze lugares num team e a interrogação comporta vários aspectos. Aí vai uma opinião: Fernando Peyroteo é hoje o jogador de maior categoria no futebol português.

Azevedo é bem melhor que Martins.
(Aqui fica também satisfeita a curiosidade de Semaz.)

P. 13—Quais são os clubes que têm ganho o campeonato de Lisboa na 1.ª categoria, desde que ele se disputa?
(Um benfiquense, de Reguengos)

Caravelos, de 1906 a 1909; Benfica 1909-10; Internacional 1910-11; Benfica 1911-12, 1912-13 e 1913-1914; Sporting 1914-15; Benfica 1915-16, 1916-17 e 1917-18; Sporting 1918-19; Benfica 1919-20; Casa Pia 1920-21; Sporting 1921-22 e 1922-23; Vitória 1923-24; Sporting 1924-25; Belenenses 1925-26; Vitória 1926-27; Sporting 1927-28; Belenenses 1928-29 e 1929-30; Sporting 1930-31; Belenenses 1931-32; Benfica 1932-33; Sporting 1933 a 1939; Benfica 1939-40; Sporting 1940 a 1943; Belenenses 1943-44; Sporting 1944-45.

Na época de 1928-29, a 1.ª categoria passou a denominar-se categoria de honra.

P. 14—Realizou-se algum jogo internacional entre Portugal e a Espanha organizado pela Associação de Setúbal e do Porto, sem entrar a Associação de Lisboa?
(Henrique António Antunes, de Selubal)

Os desafios internacionais só podem ser organizados pela Federação, que poderá delegar a organização material—digamos a sim—numa Associação. Deve querer saber se, a quando do chamado conflito da bola, grave dissídio entre Federação—Associação de Lisboa, mas em que os princípios de disciplina e autoridade acabaram por triunfar, se disputou algum encontro internacional. Jogámos contra a Itália,

O esquecimento das instruções dadas antes dos encontros

EDUARDO Teus, o conhecido crítico espanhol, ex-seleccionador nacional, publicou há dias um artigo muito interessante sobre este assunto, fazendo a demonstração de que as instruções antes dos encontros não servem para nada... Citava, entre outros, o seguinte caso, a propósito do último encontro Madrid-A. Aviação:

Campos, o magnífico interior do Aviação, é verdadeiramente terrível na marcação dos cantos, em virtude do seu estupendo jogo de cabeça servido, por agilidade de acrobata.

Sabedor disso, o competente treinador do Real Madrid, Moncho Escinas, no vestiário, antes de saírem para o campo, recomendou

lia, no Porto, e contra a Bélgica, em Lisboa.

Os mais importantes clubes de Lisboa, exceptuando o Benfica, não forneceram elementos para essas seleções.

P. 15—Se Guilhar, Pinga e Anjos são internacionais? Quem são: o melhor back esquerdo, meia esquerda e médio direito?

Há alguma coisa acerca do novo estádio do F. C. do Porto?
(Um portista capaz de dar tudo pelo seu clube, da Foz)

Qualquer dos jogadores citados já teve a honra de envergar a camisola de internacional. Guilhar, 21 vezes contra a Espanha; Pinga, 21 vezes (9 contra Espanha, 4 contra Suíça, 2 contra a Hungria, 2 contra Alemanha e 1 contra Austria, Itália, Bélgica e Jugoslavia); Anjos, 2 vezes contra Espanha.

Fique-se com esta: O melhor back esquerdo, meia esquerda e médio-direito não é, presentemente, nenhum daqueles em que pensa...

Leia a «Stadium», e logo verá.

P. 16—Qual a idade e onde alinhou o jogador António Marques, antes de estar no Sporting?

O jogador Alvaro Cardoso já alinhou em jogos oficiais noutro lugar sem ser a defesa?
(João José Pastorinho, do Vimieiro)

António Marques é natural de Santarém, e conta 24 anos. Começou no Sport Lisboa e Santarém, jogando lá uma época, para depois jogar duas no Marvilense, e logo a seguir quatro temporadas no Académico, do Porto. Por último, o Sporting. Não demos conta disso,

a três dos seus jogadores, Huete, Ipiña e Clemente, para, nos cantos, nunca deixarem de cobrir o referido adversário, como que entalando-o em tenaz de segurança. Todos podiam rematar—menos aquele.

Os jogadores ouviram atentamente a instrução, prometendo cumprir à risca o que se lhes exigia—como que fazendo a promessa: todos podem rematar, num corner, menos Campos.

O jogo começou, sendo disputado com a tradicional energia e vontade entre os dois grandes rivais do futebol castelhano. O Madrid venceu por um-zero.

Sucedeu, no entanto, que, tendo-se marcado um canto contra o Madrid, e só um, ele foi tranquilamente concluído de cabeça por Campos, não entrando por milagre. Quere dizer: nenhum dos tais elementos encarregados de marcar o referido avançado, já esquecidos da recomendação, o fez.

Quere dizer: ao pôr o pé no terreno do jogo e começada a luta, ela interessa e apaixonava de tal modo o praticante que est: se esquece, por vezes, não só das instruções, como de outras coisas fundamentais.

É evidente que estes esquecimentos, em mais de uma vez, são pagos pelos clubes por um preço que se chama derrota.

O jogador tem, regra geral, a tendência para se julgar superior ao treinador, ouvindo-o com certa complacência, mas no íntimo convencido de que ele, qu: joga, é que sabe como se procede dentro do rectângulo da competição. Assim, as instruções são descuradas ao primeiro passo. Mais tarde—quando os desastres sucedem—os jogadores compreendem, então, o valor dessas instruções antes do encontro começar. Na altura em que o mal já não tem remédio!

UM POUCO DE GRAÇA...

Do Boletim do Sporting Clube de Portugal transcrevemos a seguinte anedocta, que reflecte o panorama do vizinho país no que se refere a transferências e honorários dos jogadores:

Depois de um detalhe de 3.ª Divisão, Zamora verificou qualidades apreciáveis no guarda rédes de um dos grupos, Manolo Gomez; e acercando-se do pai do rapaz pediu-lhe licença para levar o filho ao campo do «Aviação», para o treinar e poder obter e confirmação das qualidades que lhe tinha notado. O pai do rapaz disse-lhe que daria essa autorização depois de assinatura de um contrato, pelo qual exigia duzentos mil pesetas. Zamora, então, respondeu: «Desculpe-me, mas estou enganado. Julguei falar com o pai de Manolo Gomez e vejo que estou tratando com o pai de Ricardo Zamora!...»

Mister Lipo afirma: O futebol é luta primeiro; e beleza depois...

DE regresso a Lisboa, num sábado, quis o acaso que caíssemos no restaurante do correio, encontrando um ambiente todo desportivo.

Além do dirigente, do treinador e dos jogadores do Porto, via-se ainda um conhecido crítico de futebol. E nós, cá do nosso cantinho, jornalista ignorado, apurámos o ouvido, na hora do café, no convencimento de que poderíamos surpreender alguma conversa de interesse.



Agradou-nos a correcção do team: boa disposição, mas nada de exuberância; disciplina, não subserviências...

Sempre ouvimos alguma coisa. Lipo Hertzka para o referido crítico:

—Tenho do com muito interesse, ultimamente, as suas crónicas. Seguido a evolução do seu espírito.

—O que o impressiona...

—A maneira curiosa de pôr os problemas, partindo do caso particular para a generalização, ou vice-versa.

—Alguns problemas fere mais a sua atenção?

—Lendo atentamente a crítica portuguesa, vê-se que ela se encontra dividida sobre a feição lática e técnica do jogo. De um lado, os melhores valores defendendo o futebol de posição ou de marcação, o único processo racional num jogo essencialmente colectivo. Do outro, uma ou outra voz, como que defendendo o jogo de acaso, isto é, entregar à inspiração do jogador tudo ou quasi tudo.

—Esses últimos não têm razão?

—Esquecem-se disto: 1.º, que o futebol é luta. A beleza vem em segundo lugar!



1 — Na sessão solene comemorativa do 15.º aniversário da Associação de Basket-ball do Porto: o sr. director geral de Desportos, acompanhado de diversas personalidades oficiais, durante a oração do dr. Salazar Carreira, Inspector da D. G. D.; 2 — Na torre do posto náutico do Clube Fluvial Portuense, apreciando o panorama que dali se disfruta; 3 — O sr. tenente-coronel Sacramento Monteiro assina o «Livro de Honra» do F. C. do Porto, que lhe é apresentado pelo presidente do clube, dr. Cesário Bonito; 4 — Durante a visita ao Sport Clube do Porto, assistindo na sala de armas a um assalto de espada entre C. Correia e M. Neto; 5 — Na sala de trofeus do F. C. do Porto, após a visita às instalações desta colectividade; 6 — O sr. director geral no Sporting Clube Coimbrões; 7 — A sessão solene na Delegação da F. N. A. T., enquanto usa da palavra o sr. Teodomiro Argente em nome dos grupos desportivos.



mais uma despedida...
ALFREDO VALADAS
 deixou a actividade
 por entre calinhosas e justas
 manifestações de apeço



1—A entrada de Valadas no campo; 2—O grupo misto que tomou parte na festa; 3—Rodeado de amigos e admiradores, entre os quais algumas gentes desportistas, Valadas vai recebendo presentes e recordações do seu festival de despedida; 4—O abraço de Costa e Sousa, actual presidente do popular Benfica; 5—Um pormenor para a história... Peyroteo, orgulho dos "leões", enverga uma comilaola com emblema... do Benfica; 6—A pedido de Valadas, Peyroteo e Gaspar Pinto trocam um aperto de mão, simbolo de paz...; 7— Entra a multidão de amigos, Victor Silva e Xavier acompanham Valadas; 8— O último centro de Valadas — o seu último pontapé com o famoso pé esquerdo...; 9— Emocionado mas sorridente, Alfredo Valadas sai do campo para deixar o futebol.



O GRANDE CAMPEONATO

"TEAMS" QUE SE DESTACAM

A luta de Lisboa contra a Província

Crónica de TAVARES DA SILVA

A 2.^a jornada do Campeonato Nacional de Futebol pôs em alvoroço Lisboa e a Província. Os quatro representantes da primeira Associação do país mediram forças contra concorrentes em que é visível o ardente desejo de progresso, nama orientação que nos poucos se vai infiltrando. Hoje já ninguém discorda da doutrina outrora tão combatida: a vantagem do alargamento deste campeonato, como necessidade do futebol português. Os resultados que se verificaram no passado domingo foram os seguintes:

Belenenses.....	3—Vitória de Setúbal	1
Pôrto.....	3—Sporting.....	1
Benfica.....	6—Académica.....	1
Vitória de Guimarães	2—Estoril.....	1
Olhanense.....	4—Salgueiros.....	1

Como sempre, indicamos em primeiro lugar os clubes que jogaram em casa. E vem logo uma primeira verificação, com seu quê de curioso e expressivo: *Todos os clubes que jogaram em casa venceram; todos os visitantes perderam.* No que respeita a Lisboa, os *teams* lisboetas que jogaram na capital conseguiram passar o obstáculo vitoriosamente, mas aqueles que se deslocaram ao Pôrto e a Guimarães tiveram um regresso triste.

Isto faz uma vez mais avultar um elemento de primeira ordem que opera nesta competição: o ambiente. Nos torneios distritais, esse factor passa um pouco despercebido. Mas o campeonato nacional é o meio em que ele se instala, vivendo em toda a sua pujança. Sem dúvida, neste aspecto, os representantes de Lisboa não têm vantagem alguma. Aqui, Lisboa, é uma espécie de terra de ninguém, visto as forças contrárias ao clube em luta, que por cá vivem, neutralizarem a acção clubista. Em contraste, quando esses *teams* se deslocam tudo lhes aparece estranho, pois toda a gente se junta em determinada terra numa voluntária contribuição para a conquista da vitória. Antigamente, mesmo com este elemento, tão importante, os clubes de Lisboa normalmente ganhavam (a excepção do Pôrto só confirma a regra), porque a diferença de classe que os separava dos outros concorrentes era um abismo. Hoje, tal não sucede. O valor das equipas concorrentes ao Campeonato Nacional aparece mais nivelado. Não será isto fundamentalmente expressão de progresso?

Bem sabemos que há pessoas que põem o problema à luz de outro prisma, observando que não são os clubes da Província que sobem, mas os de Lisboa que descem. Trata-se de uma maneira caprichosa de negar um factor o aperfeiçoamento de alguns *teams* da Província, tão nítido e sério, que começa a abalar o sistema da superioridade lisboeta que, ainda por cima, enriquece muitas vezes as suas fileiras à sombra provinciana.

De resto, estamos convencidos de que já não se poderá voltar para trás, isto é, de que se caminhará época a época mais apressadamente pela verdadeira estrada, aquela que conduz à expansão do jogo em terras que, aliás, já o praticam muito regularmente, necessitando apenas de um impulso. Veremos, sendo assim, como a superioridade lisboeta será fortemente abalada.

De momento, e porque só temos notícias remotas do Olhanense, grapo cheio de vivacidade, os *teams* mais adestrados para o título talvez sejam: Benfica, Pôrto e Belenenses, tendo-se em conta o caso brilhante do Vitória de Setúbal. O Sporting evidencia aquilo que bem poderemos designar por *saturação técnica*. O Estoril, a Académica, o

Vitória de Guimarães e o Salgueiros constituem um grapo excepcionalmente animoso, com menos possibilidades, mas qualquer deles capaz de fazer dar a *escorregadela*. Quere dizer, a fórmula de todos os encontros são difíceis, e jornada a jornada mais o serão, tem aqui inteiro cabimento.

Todavia, ninguém se deverá iludir com certos resultados, principalmente com aqueles obtidos no estrangeiro. É certo que competições como esta se ganham com os pontos conquistados fora de casa, mas deverá ter-se em conta que o mesmo caminho terá de ser percorrido por todos. Sabe-se lá o que irá passar ainda...

Magnífico trabalho do ataque belenense
A reacção de rapidez do Vitória

O Vitória mantinha de pé um problema: o de se saber se, fóra do ambiente de Setúbal, palpitante de vida e emoção, seria capaz de fazer um desfalco com boa nota. A questão já não tem agora razão de ser. Trata-se de um clube de valor aproximado aos Melhores. Um crer que vem animar o futebol português.



O Vitória baixou às Salésias com certo receio: o pavor, possivelmente, de um mau resultado que ofuscesse a bela tarefa do domingo anterior. Quere dizer, o *team* entrou no campo animado pela ideia de não perder por muitos *goals*, ideia que fatalmente conduziria à orientação defensiva.

O Belenenses, e muito bem, aproveitou-se desse pensamento para cair a fundo, e na sua habitual feição de ataque. Digam o que disserem, mesmo descontando a falta de eficiência da ofensiva belenense, não há dúvida

que, ao mexer-se devidamente àquele ataque, há que contar com ele. Reforçando esta afirmação, deu-se ainda o caso dos *interiores*, Quaresma e José Pedro, jogaram magnificamente, orientando e mandando em campo. Desta sorte, a equipa de Setúbal foi sujeitada a uma tarefa ruda: conter um adversário em tarde propícia.

Na segunda parte, veio a reacção. O futebol rápido, vistoso, quasi desconcertante, dos setabalenses, com uma linha média extraordinariamente activa, e um ataque inspirado, brilhando a grande altura o seu inspirador, Cardoso Pereira.

Então, nessa fase, o Vitória não conseguiu o empate — que seria o abrir do caminho para o triunfo. Pelo contrário, foi o Belenenses que, nos chamados contra-ataques tão vulgares na bola, consolidou a conquista dos dois pontos. Quando tudo decorre desta maneira, poderemos ainda acrescentar que estamos em presença de uma partida curiosa, com brilho e motivos para considerar vencido digno de vencedor.

A súbita do Pôrto representa um benefício para o jôgo

O Sporting desloca-se ao Pôrto abalado pela derrota de Setúbal. Ainda com outros *desenlendimentos* a ter em conta e que não devem vir para os jornais, não pela vantagem de os esclarecer, mas porque nada se lucra em tratá-los. O Pôrto apresentava-se no melhor momento depois de, nas Salésias, ter afirmado personalidade suficiente para fazer figura — justificando-se deste modo a enchente do estádio do Lima.

O Sporting produziu no Lima uma exibição regular. Na primeira parte, o *team* actuou verdadeiramente mecanizado, com a bola de homem para homem, como que passada por fio invisível. Pecou, nessa altura, pela deficiência do remate, o mal tão característico. A técnica é, evidentemente, indispensável. Mas é preciso que um *team* ponha em campo, além daquele talento, todas as qualidades de vontade colectiva.

Quando o Pôrto, na fase feliz do começo da segunda parte, construiu a vitória, o Sporting ficou batido. Desde essa altura em diante, o grapo portuense actuou com solidez na defesa e aventura no ataque e a comunhão feliz de duas orientações. Via-se, então, um grapo organizar com perfeição os seus movimentos ofensivos, depositando e tirando vantagem de todas as fraquezas do adversário. O Pôrto, indiscutivelmente, venceu bem. Mas o Sporting não fez tudo quanto devia para vencer!

Triunfo justo do Benfica
A Académica tem melhor grupo do que se julga

Há a ideia de que a Académica atravessa uma crise. Sem dúvida. Nem admirando que assim seja, sendo o grupo dos estudantes, tal a sua estrutura, o mais sujeito à abalada dos jogadores. Há, no entanto, a ideia de que a Académica pouco valerá actualmente. E aí é que está o erro. O grapo tem ainda qualidades, mostrando-se capaz de honrar o seu passado.

De um modo geral — o *team* foi dominado pelo Benfica. Portou-se, no entanto, bem, com espirito de luta, não se entregando senão quando batido, que é a fórmula do desportista. A sua melhor formação foi a média, sob a qual pesou a maior tarefa. Os extremos também demonstraram aptidão.

O Benfica, favorecido pelas circunstâncias, um *penalty*, e mais do que discutível, na melhor altura, não realizou, no entanto, trabalho de boa coesão, faltando-lhe até a consistência da defesa e a boa colaboração

na frente. Foi, desta maneira, am' grupo com qualquer coisa de desequilíbrio, qualquer coisa que se sente quando as peças não se encontram devidamente ajustadas. Claro que todos estes defeitos apareceram como que esbatidos, dada a sua vantagem de jogo.

O Estoril deu boa ideia de jogo, mas o clube de Guimarães triunfou com justiça

O Estoril Praia trouxe a primeira derrota para Lisboa, sacubando às mãos de um grupo no lote do segundo plano dentro do torneio. Certo, o *team* lisboeta impressionou agradavelmente, actuando em conjunto e com reacções vibrantes de energia. Mas uma coisa é jogar com vontade, e outra evidenciar superioridade técnica. Ora o *team* lisboeta não conseguiu conservar a necessária coesão em toda a partida, tirando o adversário proveito das suas falhas nítidas.

O desafio decorreu de forma equilibrada. O Estoril, porém, nunca esteve na situação de vencedor. Foi o Vitória que marcou para os lisboetas empatarem, quasi no fim do primeiro tempo. Em seguida, na segunda parte, aos oito minutos, o clube local resolveu o problema.

O Olhanense continua ameaçador...

O Olhanense desembaraçou-se com certa facilidade do segundo representante do Porto, jogando com a sua principal arma — a velocidade. Pode dizer-se que, neste capítulo, o grupo esteve inexecutível, forçando o andamento quando necessário, e mesmo na altura da despreocupação, insistindo ainda na ofensiva. Todavia, os seus avançados não estiveram em tarde feliz, perdendo muitas oportunidades. Verdade seja que o Salgueiros se portou melhor do que seria lícito aguardar, fazendo em conjunto uma exibição interessante.

O encontro comportou, no entanto, a característica de defensiva para os portuenses e de ofensiva para os algarvios.

Linhas, Arbitros, Goals

Belenenses: Acácio; Vasco e Feliciano; Gomes, Varela e Serafim; Coelho, Quaresma, Armando, José Pedro e Rafael.

Vitória (Setubal): Baptista; Montês e Armindo; Pacheco, Figueiredo e Feliciano;

II Divisão da A. F. L.

O Chelas é já campeão

NÃO foi preciso esperar pela conclusão do campeonato da II Divisão da A. F. L., da época 1944-45, para se conhecer o vencedor da prova.

Os encontros efectuados no domingo passado, correspondentes à 13.ª e penúltima saída dos concorrentes, revelaram o novo campeão e deixaram completamente esclarecidas mais algumas posições. Temos, portanto, o Chelas em vencedor, o Fósforos firme no segundo lugar, tal como o Casa Pia em penúltimo e o Marvilenses em último. Futebol Benfica e Operário estão destinados a ocuparem o terceiro e quarto lugares; Olivais e Sacavenense virão a ser o quinto e o sexto.

E, afinal, tudo estava indicado já assim na jornada anterior, porquanto os resultados verificados no último domingo não provocaram a mínima alteração na tabela. Simplesmente os olivais e os sacavenenses se afastaram mais dos dois últimos... para se aproximarem dos clubes empatados no terceiro degrau da classificação.

Os oito clubes vão para a derradeira jornada com o seguinte activo: 1.º Chelas, 35 pontos; 2.º Fósforos, 32 pontos; 3.º F. Benfica e Operário, 29 pontos; 4.º Olivais, 28 pontos; 5.º Sacavenense, 21 pontos; 7.º Casa Pia A. C., 19 pontos; 8.º Marvilenses, 15.

Os encontros disputados no domingo tiveram os seguintes resultados:

Operário-Chelas.....	2-3
Sacavenense-F. Benfica.....	2-1
Marvilenses-Fósforos.....	2-3
Casa Pia A. C.-Olivais.....	1-2

O primeiro destes desafios era o de mais interesse da jornada. O grupo de S. Vicente, jogando em casa, é sempre adversário difícil, de modo que a saída dos che-

Passos, Nanes, Rodrigues, Rendas e Cardoso Pereira.

Arbitro: Paulo de Oliveira, de Santarém. Os *goals* belenenses foram marcados por Quaresma, Coelho e Rafael, respectivamente aos 23, 42 e 75 minutos. O do Vitória foi realizado por Rodrigues, aos 22 minutos.

Porto: Barrigana; Alfredo e Gailhar; Anjos, Romão e Octaviano; Lourenço, Araújo, Correia Dias, Pinga e Catolino.

Sporting: Azevedo; Cardoso e Manuel Marques; Barrosa, Verissimo e Nogueira; Cruz, Canário, Peyroteo, A. Marques e Albano.

Arbitro: Jorge de Vasconcelos, de Braga. Autores das bolas portuenses: Lourenço, Catolino e Manuel Anjos, aos 44, 50 e 56 minutos. Pelo Sporting marcou Peyroteo, aos 17 minutos.

Benfica: Rosa; Gaspar e Cesar; João Silva, Guia e F. Ferreira; M. da Costa, Arsénio, Jílio, Teixeira e Rogério.

Académica: Grangeia; Lopes e Mário; Lomba, Oliveira e António Maria; Joaquim João, Taborda, Faustino, Leite e Lemos.

Arbitro: Domingos Miranda, do Porto. Marcaram as bolas dos lisboetas: Manuel da Costa, Rogério, Jílio, Arsénio, M. da Costa, e M. da Costa, respectivamente, aos 25, 40, 59, 72, 75 e 82 minutos. O ponto de honra da Académica conseguiu-o Lemos, aos 5 minutos.

Vitória de Guimarães: Machado; Curado e João; Zeferino, Garcia e José Maria; Arlindo, Miguel, Brioso, Ferraz e Alcino.

Estoril Praia: Valongo; Fragateiro e Eloy; Jílio Costa, Oliveira e Alberto; Lourenço, Bravo, Petrak, Anselmo e Raúl Silva.

Arbitro: Anírio Morgado, do Porto. Os *goals* de Guimarães foram executados por Ferraz e Brioso, aos 30 e 53 minutos, e o do Estoril, por Petrak, aos 40 minutos.

Olhanense: Abraão; Rodrigues e Nanes; João dos Santos, Grazina e Loulé; Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Gomes.

Salgueiros: Peixoto; Lopes e João; Rebelo, Oliveira I e Jaime; Renato, Oliveira II, Mata, Alfredo e Mascote.

Arbitro: José Trindade, de Setúbal. *Goals* do Olhanense: Salvador, Joaquim Paulo, Salvador e Joaquim Paulo, respectivamente, aos 38, 40, 58 e 63 minutos. A bola do Salgueiros foi obtida por Rebelo, aos 60 minutos.

lenses oferecia certo perigo. Não se enganaram os que previram uma boa luta. Com efeito, o jogo foi bastante movimentado e o desfecho esteve indeciso até o último instante.

O empate, ou até a vitória dos donos da casa, não causaria admiração para quem assistiu ao jogo, tão boa foi a réplica dos pupilos de Vitor Silva. Sintetizando, pode dizer-se que o Operário teve maior quinhão de domínio e que o Chelas foi mais prático.

Os sacavenenses excederam as previsões mais optimistas e demonstraram a irregularidade dos benfiquenses, que há uma semana obtiveram vitória folgada sobre adversário mais cotado. O empate 0-0, registado ao intervalo, deu alento aos de Sacavém para se imporem após o descanso, de modo que o *team* de Quirós se quis reduzir a desvantagem de *goals* teve de aproveitar um *penalty*.

A vitória dos olivais pela tangente aceita-se sem relutância, dada a forma como a luta se desenrolou — sensivelmente equilibrada e com maior felicidade dos encarnados nas ocasiões de *goals*.

Do Fósforos podia esperar-se mais. Os de Marvila de cima só dominaram até ao intervalo, fazendo nesse período os três *goals*. No segundo tempo houve nítido equilíbrio. Pelos vistos, o «lanterna-vermelha» decidiu-se a bom final de prova.

ZÉ DO PEÃO

Basketball no Benfica

Na secretaria do Sport Lisboa e Benfica está aberta a inscrição para sócios e simpatizantes, dos 16 aos 17 anos, que queiram representar o clube em «basketball», na categoria de juniores.

«FLECHA» — a melhor bicicleta

A CAMPANHA INTERNACIONAL DO FUTEBOL PORTUGUÊS NA PRESENTE ÉPOCA

NO dia do sorteio para o campeonato de Portugal da I Divisão, falou o secretário geral da Federação de Futebol, dr. Vergílio de Paula, dos desafios internacionais de futebol marcados para a época em curso. Ficamos sabendo, assim, que são três os encontros apazados — um Portugal-Espanha, a disputar em Lisboa, no dia 11 de Março; segundo Portugal-Espanha, no país vizinho, a 6 de Maio; e um Portugal-Suíça, naquele país, também no mês de Maio, aproveitando certamente a saída da selecção nacional para o jogo em Espanha. Estão, pois, em preparação três desafios internacionais.

Não queremos por isso deixar sem registo — e sem aplauso — o programa da campanha internacional, para esta época, no popular desporto, nem o que representa para o país, como estímulo para o progresso técnico do futebol, o retamento da bela tradição dos jogos internacionais. Quebra-se deste modo um isolamento que abrangia quasi todos os desportos e que era particularmente desagradável para os dois povos peninsulares. Fechadas, pela força imperiosa da guerra, as relações internacionais de Espanha, havia apenas o recurso do intercâmbio desportivo com Portugal, desejado e tentado algumas vezes pelo país vizinho, em condições lisongeiros para nós.

Folgamos com a notícia — e com o programa elaborado. E desejamos, sinceramente, que tenha realização oportuna. Os nossos atletas e jogadores precisam de contacto com os melhores atletas e jogadores do estrangeiro. Necessitam de tomar conhecimento directo com técnicas e táticas mais apuradas. E as jornadas internacionais do desporto são esplêndidas, para esse efeito, e como propaganda e espectáculo para o grande público.

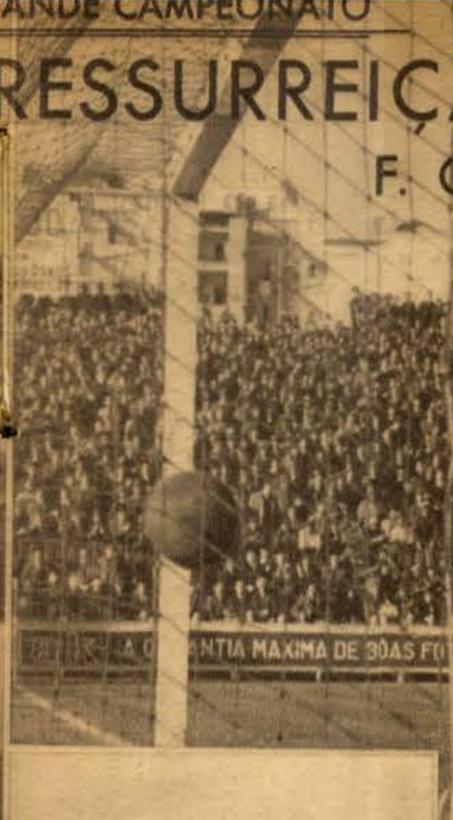
A viagem do Sporting a Madrid, já quando a Direcção Geral de Desportos estudava esse problema, veio numa altura de flagrante oportunidade. Coincidiu com a nova orientação e teve no reinício da campanha internacional o seu melhor coroaamento. Podemos assim dizer que, pelo relevo que atingiu, facilitou ou proporcionou um novo ciclo de aproximação luso-espanhola.

Consideramos esta ocasião magnífica para uma obra que não se confine ao futebol. Há, em Espanha, boa disposição a tal respeito. E há excelente espírito de compreensão das vantagens de um intercâmbio mais amplo por parte das entidades que superintendem no desporto em Portugal. De tal modo se criou um ambiente de entusiasmo nas relações desta ordem que a propósito do segundo Portugal-Espanha deste ano, a realizar na Corunha, se prepara ali uma semana luso-galega que deve incluir provas que possam disputar-se nas várias pistas do Estádio de Riazor — em atletismo, «ténis», «basketball» e «hockey». Como prova do carinho dispensado ao nosso país, a praça de entrada no estádio terá o nome de Portugal. É conveniente corresponder a esta atmosfera de simpatia — comparecendo na melhor forma.

Não há nenhuma indiscrição afirmando que assim se pensa entre as entidades oficiais ou desportivas que podem intervir no caso, com o objectivo superior de alargar o âmbito do intercâmbio luso-espanhol em desporto, e valorizar a representação portuguesa em qualquer modalidade. A ocasião é excelente, repetimos. Mas não se pode perder tempo. A Federação Portuguesa de Futebol não descuroou, seguramente, a preparação da selecção nacional. Todos temos, porém, de trabalhar na medida das nossas forças — e dentro da função que corresponde a cada um.

Por nossa parte, começamos hoje, espontaneamente, a nossa propaganda, registando em público, com muito prazer, as informações prestadas pelo dr. Vergílio de Paula acerca dos desafios int. nacionais de futebol e lembrando a tempo a necessidade de cuidar devidamente a representação portuguesa.

NO GRANDE CAMPEONATO
A RESSURREIÇÃO DE DOIS «TEAMS»
 F. C. DO PORTO E VITÓRIA DE SETÚBAL



F. C. PORTO — SPORTING: 1 — Antes do jogo, o sr. Director General de Desportos saúda o juiz e os jogadores; 2 — Aspecto da luta de Lourenço com a defesa "leonina"; 3 — O mesmo Lourenço numa fuga a caminho das rédes lisboetas — mas já pouco á-vontade...; 4 — Ainda Lourenço, no momento em que dispara o remate que deu o 1.º "goal" portuense; 5 — Azevedo "vôa" para defender a soco; 6 — A eterna luta entre Peyroteo e Guilhar — dois excelentes jogadores, que tiveram actuação de relêvo.
 BELENENSES — VITÓRIA (S.): 7 — Como foi marcado o 2.º "goal" belenenses; 8 — Baptista, "keeper" setubalense, numa das suas intervenções; 9 — Acácio defende carregado pelo energético Rodrigues; 10 — Outra defesa de Acácio — ainda com Rodrigues pronto a dificultar a sua acção.

A MARCA
 QUE
 YOU USAR
 EM CHAPÉUS
 E BONÉS



O «Curso de Ciclistas» teve a primeira lição prática no domingo

NA penúltima sexta-feira efectuou-se na sede da Federação Portuguesa de Ciclismo a sétima lição do «Curso de Ciclistas», iniciativa que a nossa revista tomou a seu cargo e que mantém desde meados de Outubro.

Nesta lição, o orientador do «Curso», o nosso camarada Gil Moreira, abordou um assunto deveras interessante: *como se devem comportar os corredores nas provas de estrada.*

Desde a maneira como têm de apresentar-se equipados à partida de uma corrida — com camisola e calção de tecido e configuração aconselhados para as características do estado de tempo — até à forma como devem agir no decorrer da marcha, tudo foi pormenorizadamente tratado e esclarecido.

Assim, Gil Moreira disse que aos corredores cumpre, antes de principiar as provas, verificar se as chavetas, guidão e travões estão convenientemente apertados; ter prudência na composição do pequeno almoço, o qual, se a competição é de manhã, convem ser igual ao dos outros dias, isto para que o organismo actue com a máxima regularidade; se as competições forem de tarde, evitar partir com o estomago sobrecarregado de alimentos por digerir; e que antes da largada há necessidade de saber qual é o percurso exacto da corrida, o local da meta e quais as condições ou fórmulas de classificação.

Segundo o nosso colega, do conhecimento ou ignorância destes pormenores depende por vezes uma boa ou mediocre classificação.

Referindo-se à maneira de correr, Gil Moreira elucidou que ninguém deve colocar-se num pelotão de forma a «cobrir» com a sua roda da frente a roda de trás do adversário. Ou se marcha lado a lado, ou então «colado» à rectaguarda dos companheiros de luta, pois só assim podem evitar-se «encostos» — e as consequentes quedas.

Nada de ataques fora de tempo, isto é, que excedam as possibilidades físicas dos atacantes, porque, segundo também disse, um ataque sem a continuidade necessária — é inútil. Também seguir «descolado» na perseguição de um grupo que se adiantou, tendo atrás outros corredores isolados, é desperdiçar energias sem o menor proveito.

Reunem-se todos os atrazados, conjuguem os seus esforços — e então vá de prosseguir na «caça»...

Muita atenção nas embalagens finais — afirmou o nosso colega. É um erro «embalar» muito longe da meta e maior erro é ainda partir da frente do grupo que está prestes a terminar a prova. Uma embalagem deve iniciar-se sempre da segunda ou terceira posição e do lado em que o público não prejudique o esforço dos atletas.

A lição terminou com judiciosos conselhos sobre a maneira dos homens rápidos se defenderem dos mais resistentes, indicando a forma destes suplantarem os «sprinters».

*

A sétima sessão, efectuada na passada quinta-feira, constituiu para os alunos um passa-tempo de quase duas horas, deveras animado. É que o nosso camarada Gil Moreira ocupou a lição a demonstrar com fotografias, desenhos e «croquis», como correm, treinam, montam e vivem alguns dos mais conhecidos corredores internacionais.

Os alunos do «Curso», entre os quais estavam os corredores Júlio Mourão, Tavares da Silva, Armando Monteiro, Fernando Belem, Costa e Silva, Rebelo e Eduardo Lopes, puderam verificar como Richard e Scherens, os dois consagrados campeões mundiais de velocidade, se «colocam» para bater os adversários, demonstrando cada um técnica muito sua para embalar nos últimos metros das provas, e vi-

ram como Richard, Olmo e Archambaud, esses «fenómenos» das provas de uma hora em pista, trabalharam para bater tão famoso «record», conseguindo-o mercê de técnica tão apurada que ultrapassa todas as normas vulgares de preparação.

Também houve ocasião de verificar a maneira como os estradistas se entreajudam numa «fuga», onde por vezes não sentem relutância de cooperar com homens de clubes e regiões diferentes, e porque é possível atingirem-se grandes velocidades quando se segue «colado».

Constituindo o complemento desta lição, efectuou-se no domingo a primeira «saída» dos ciclistas que frequentam o «Curso».

Acompanhados de Gil Moreira, foram do Arco até perto de Sacavem, regressando a Lisboa pela estrada do Pote de Agua e Campo Grande.

Teve como principal objectivo esta «saída» o poder-se rectificar as posições sobre as bicicletas e demonstrar, de maneira prática, os inconvenientes de se andar deficientemente montado.

Apesar de todos os alunos terem tomado conta das indicações dadas, nas anteriores lições, ácerca da forma como deve regular-se uma posição — sendo até poucos os que não alteraram as distâncias a que estavam anteriormente fixados os selins das suas bicicletas — o certo é que apenas seis, das duas dezenas e meia que apareceram na estrada, estavam tecnicamente bem montados. E isto pelo sim-

(Continua na página 15)

O Torneio Nacional da II Divisão Algumas notas sobre a sua estrutura

O campeonato nacional da I Divisão já começou há duas semanas e o da segunda Divisão não tarda. Dão-se, entretanto, os últimos retoques na organização. E os clubes preparam as equipas.

De modo geral, não se modifica muito a estrutura de prova. Subsiste, ainda, a preocupação do número. Quanto mais melhor, parece ser a doutrina seguida. Este ano são 83 os clubes previstos para o torneio. E a sua distribuição, pelas associações regionais, é a que segue: Lisboa e Pórtio, 10 cada; Braga e Setúbal, 8; Aveiro, 7; Santarém, 6; Coimbra, Castelo Branco e Faro, 5; Viseu, Leiria e Beja, 4; Portalegre e Évora, 3; e Vila Real, 1.

Esta distribuição apresenta alguns casos que se nos afiguram pouco justos. Um deles é a comparação de Coimbra com Aveiro e Santarém, mas, sobretudo, com Castelo Branco. Anotamo-lo, apenas, visto que o principal é indicar como se disputa a prova. Sigamos, pois.

As séries

A composição desta época ficou como segue: Grupo A — Minho e Alto Douro. Série 1 - 4 clubes de Braga e 1 de Vila Real. Série 2 - 2 clubes de Braga e 3 do Pórtio.

Douro Litoral. Série 3 - 2 clubes de Braga e 3 do Pórtio. Série 4 - 2 clubes de Aveiro e 4 do Pórtio.

Grupo B — Beira Alta. Série 5 - 2 clubes de Viseu, 2 de Aveiro e 1 de Coimbra.

Beira Litoral. Série 6 - 2 clubes de Aveiro, 2 de Viseu e 1 de Coimbra. Série 7 - 1 clube de Aveiro, 1 de Leiria e 3 de Coimbra.

Ribatejo. Série 8 - 3 clubes de Santarém e 2 de Lisboa.

Grupo C — Estremadura. Série 9 - 3 clubes de Leiria e 2 de Lisboa. Série 10 - 2 clubes de Lisboa e 3 de Santarém. Série 11 - 2 clubes de Lisboa e 4 de Setúbal. Série 12 - 2 clubes de Lisboa e 4 de Setúbal.

Reportagens gráficas ENTREGA DAS CAPAS

Aos inumeros leitores da provincia, que nos enviaram cupões para expedição das capas que oferecemos para encadernação das reportagens gráficas, pedimos o favor de nos mandar levantar à Administração, visto termos verificado a inconveniência de as remeter pelo correio, por se estragarem. Nas localidades onde tenhamos agentes, podemos expedir-las para estes, desde que os nossos leitores nos enviem instruções nesse sentido.

PÓRTIO — A partir da próxima segunda-feira, as capas serão distribuídas para esta cidade na Rua Passos Manuel, 209-1.º

ESTAMPAS ESGOTADAS

Começou esta semana a distribuição das estampas esgotadas e que fizemos reimprimir, iniciando-se o envio directo às pessoas que no-las pediram.

IMPRENSA

«Sport Lisboa e Benfica»

Entrou no terceiro ano de publicação o «Sport Lisboa e Benfica», órgão do popular clube, que comemorou o facto com um número especial, de excelente aspecto gráfico e elaborado com o carinho que os benfiquistas põem sempre na factura do seu jornal.

Registamos o facto com sincero prazer e fazemos os melhores votos por que o «Sport Lisboa e Benfica» continue singrando, na estrada que também irilhamos, por muitos anos, como guia, orientador e propagandista de grande colectividade que lhe serve de fiúlo.

Lisboa Gimnásio Clube

A direcção deste prestimoso instituto de educação física teve gentileza de nos oferecer a inscrição gratuita, na classe da ginástica educativa, infantil, de três crianças protegidas pela nossa revista. Agradecemos reconhecidamente em nome dos contemplados.

Grupo D — Beira Baixa. Série 13 - 5 clubes de Castelo Branco. Alto Alentejo. Série 14 - 3 clubes de Évora e 3 de Portalegre. Baixo Alentejo. Série 15 - 4 clubes de Beja. Algarve. Série 16 - 5 clubes de Faro.

A fase final do torneio

Verifica-se, por esta discriminação, que a disputa do Campeonato Nacional da II Divisão volta a assentar nas «poucas» da provincia. Julgamos que as provas desta ordem se valorizam com os títulos subsidiários, mas a divisão de clubes não evita, nalguns casos, a disputa de títulos sem significado, ou que representam a repetição, quasi completa, do campeonato distrital, sem nenhum pretexto especial de estímulo. O comunicado federativo esclarece que compete à F. P. F. regular a arrumação dos clubes dentro de cada série, depois de consultadas as associações regionais. Não podemos por isso fazer, neste número, referência pormenorizada às diversas séries. Ficamos, assim, nas linhas gerais da prova.

Apurados os vencedores dentro de cada um dos quatro grupos em que a competição se subdivide, jogarão entre si os vencedores dos grupos A e B, para dar o campeão do norte; e os dos grupos C e D, para o campeão do sul do país. Entre os dois se disputará a final. De novo, para esta fase do torneio, há apenas o principio de se recorrer sempre a localidade neutra, mais em harmonia com a defesa do valor desportivo dos grupos em luta.

Mantem-se, este ano, nas mesmas condições da última época, o direito de subida ao Campeonato da I Divisão, para a associação distrital a que pertença o vencedor da II Divisão, se ainda não estiver lá. Não é ainda o que poderia ser. Mas continua a ser alguma coisa. É do mal o menos...

A «COPA DE LA AMISTAD»

ALBERTO DE BRITO, presidente da A. F. P.

de regresso da Corunha, fala à «Stadium»

Reborêdo, que foi médio do F. C. Pôrto, interessado pelo seu antigo Clube — O Estádio Municipal da Corunha — Os jogos Porto-Galiza — Impressões do jogo Corunha - Barcelona

A personalidade do activo presidente da direcção da Associação de Futebol do Pôrto é já conhecida em todo o país, através de uma gerência que está classificada como das mais perfeitas, cordiais e de tacto administrativo, desde que a colectividade existe. Não vamos, pois, fazer o seu panegírico, pelas razões adividas.

Alberto de Brito, o nosso entrevistado de hoje, verdadeira expressão do correcto desportista, teve a amabilidade — pela segunda vez na sua gerência — de nos atender, quando o procurámos para o ouvir acerca da sua progressão à Galiza.

— Apesar de ter regressado bastante doente, dou como bem empregado o tempo que gastei nesta viagem, destinada a estabelecer ligações mais intimas com a Federação Galega — disse-nos.

— Cheguei a Vigo, onde era aguardado pelos representantes da Federação regional espanhola e do Celta, e por jornalistas e outras individualidades. Depois de curta demora no Celta, pretexto para a troca de amabilidades, seguimos para a Corunha, não sem termos feito um «compasso de espera» em Santiago de Compostela, onde almoçamos.

«Uma vez na Corunha, fui apresentado aos federativos galegos, que têm na personalidade distinta de D. Frederico Fernandez Sar, presidente do organismo, uma figura de alto relevo no futebol da Galiza. Travei igualmente conhecimento com os dirigentes do Barcelona, hospedes do mesmo hotel em que estavam os representantes portugueses. Iniciaram-se a gestões para o Pôrto-Galiza nesse dia. No domingo fui convidado a assistir ao encontro entre o Desportivo da Corunha e o Barcelona, jogo este que perdeu por 2-1, com manifesta infelicidade. No intervalo reparei que toda a gente olhava com curiosidade o camarote onde me encontrava. Procurei, sem nada dizer, alcançar a razão dessa «manifestação silenciosa»... E descobri. Era a bandeira nacional portuguesa que estava posta à frente do nosso camarote, num gesto de simpatia que muito me sensibilizou. Apresentaram-me então Reborêdo, o ex-médio centro do F. C. do Pôrto. Sorrindo de satisfação, o médio ala do Corunha pre-

guntou-me por Artur Sousa e por Anjos, se ambos jogavam ainda; quis também saber se o F. C. Pôrto estava bem cotado no futebol português e como era a sua actual formação. Respondi-lhe que sim, que Artur e Anjos ainda eram dois valores do nosso futebol e dei-lhe a conhecer a constituição da turma portuense e outros pormenores que me solicitou também...

— Que impressões recolheu do Estádio? — interrogamos.

— Quanto a terreno, é bom. A disposição dos lugares é um pouco diferente do que por cá usamos, e até com um pormenor: os camarotes não são devidamente resguardados pela parte de traz, do que resulta fraca defesa quando chove ou há vento em demasia, devido à proximidade do mar.

— Relações entre as autoridades e do desporto?

— Devo acentuar que o jogo Desportivo da Corunha e Barcelona teve a presença do governador e do alcaide, o que fazem por vontade própria e não para cumprirem ímples deveres de cortesia. Anotei convenientemente esse

facto e registo-o com desvanecimento. Há — tive occasião de comprová-lo mais tarde —

um interesse especial e ligação perfeita, para tudo quanto é desporto, entre as autoridades civis e as entidades dirigentes do desporto galego.

— Que tal lhe pareceu a forma de jogar dos dois grupos?

— Pelo que eu vi, joga-se bastante duro, muito mais do que por cá. Agradou-me sobretudo a exibição do guarda-rédes do Barcelona, de uma elasticidade surpreendente. Também chamou a minha atenção um dos defesas do Corunha, «El português», assim conhecido porque é português de verdade. A defesa joga em força, a «desimpedir»... Compreende?...

«Por sinal que o «goal» de honra do Desportivo foi apontado, de «penalty», por Reborêdo, o que fez magistralmente, batendo o excelente «portero» contrário.

— Foram fixadas as datas para os jogos Pôrto-Galiza? — perguntamos com interesse.

— Depois das conversas havidas, ficou assente, em principio — porque tudo depende da aprovação da Direcção Geral de Desportos — que o primeiro jogo se fizesse no Pôrto, em 31 de Janeiro, aproveitando o feriado; o encontro em Vigo far-se-á em 29 de Abril, data também sujeita a rectificação. Neste pormenor, os dirigentes galegos foram, como aliás em tudo, de correcção única. No caso de impossibilidade de se fazer o jogo na Galiza, esta época, por qualquer motivo, adiar-se-á para a próxima. Recebi também a incumbência de pôr em acto os dirigentes do «basketball» portuense com os da Galiza, e talvez, mesmo, os de «hockey» em patins.

— Sabe como será constituída a selecção galega — arriscamos.

— O conjunto deve ter por base o Desportivo da Corunha e o Celta. Para aquele há certo excesso de trabalho. Deve jogar no domingo anterior em Madrid, com o campeão local, para estar em Vigo a tempo de ceder os seus jogadores para o quadro galego. O encontro em Portugal será arbitrado por um juiz de campo espanhol; em contra-partida, o de Vigo será dirigido por um árbitro português, ainda a escolher.

— Condições de êxito, sob o ponto de vista financeiro?

— As despesas serão bastante elevadas. Temos de corresponder a amabilidades. No entanto, julgo que os preços não deverão ser muito superiores aos que estão em vigor para o Campeonato Nacional. Principalmente, o não merecer-nos-á cuidado especial, de forma que possa ser acessível a toda a gente.

E, como ponto final desta entrevista, o sr. Alberto de Brito informou:

— Por sugestão dos federativos galegos, quando já estavamos, por assim dizer, com o pé no estribo, ficou resolvido criar-se uma taça, a disputar durante três anos entre os seleccionados das duas regiões. Por indicação minha assentou-se que esse trofeu se intitularia, simbolicamente, como «Copa de la Amistad», servindo assim para o maior estreitamento das relações entre as duas regiões.

Já ao despedirmo-nos, o nosso amável entrevistado não quis esconder o desejo e o prazer que teria em ver a Imprensa portuguesa dedicar-se, com largueza, à propaganda deste jogo — e de todos os demais que tenham por fim um intercâmbio desportivo, que, servindo a cidade ou o distrito do Pôrto, sirva igualmente ao país. Deu-nos até a ideia de uma possível série de competições entre seleções portuenses e galegas, em várias modalidades, entre as quais o atletismo.

E sob este aspecto de elevação espiritual demos por finda a nossa entrevista.

MÁRIO AFONSO



facto e registo-o com desvanecimento. Há — tive occasião de comprová-lo mais tarde —

HIPISMO

O tenente Moraes Monteiro

à frente da classificação para a «Taça Outono»

Para disputa da «Taça Outono» realizou-se, no passado domingo, a primeira de uma série de «poules» que a Sociedade Hipica Portuguesa organiza e que teve a animá-la vinte concorrentes.

O número de «poules» a realizar depende das condições atmosféricas, pelo que, se o tempo assim o determinar, da prova do passado domingo poderá sair o vencedor da taça.

Segundo o regulamento, a classificação é feita por pontos, atribuindo-se ao vencedor de cada «poule» tantos daqueles pontos quantos os concorrentes inscritos.

Estas provas, que se realizam com o fim de manter em forma as montadas, servem também para treino dos cavalos mais atrasados, se bem que o percurso de domingo nos parece ser forte bastante para estes últimos.

O terreno estava cortado por 12 obstáculos, no número dos quais se encontravam dois duplos e um triplo, e em alturas que variavam entre 1 metro e 1,20.

Abriu o programa o tenente Trigo de Sousa, no «Paraquedista», mas o vencedor da «Omnium» do concurso de Castelo Branco não nos pareceu estar nos seus dias felizes.

Foi o «Jocosos», montado pelo alferes Barros e Cunha, o primeiro a completar sem faltas o percurso, logo seguido, nas mesmas condições, por «Tetes», com o capitão Carvalhosa.

Os tempos alcançados poderiam ser batidos com relativa facilidade por alguns dos cavalos inscritos — e foi o que aconteceu.

«Idolo», bem conduzido por Abílio Ferro, foi para a frente da classificação, — até que surgiu na pista o «Congo», cavalgado pela única se-

nhora inscrita, D. Fernanda Leote. A distinta concursista, cuja reparação o público premiou com aplausos, conduziu com elegância, tirando partido das magnificas qualidades do cavallo e terminando com um bom percurso limpo.

Só Moraes Monteiro conseguiu bater o tempo de D. Fernanda Leote, montando «Princesa», a vencedora da prova «Gandarinhas» do Concurso de Cascais. Bom percurso, seguro e rápido, como era preciso. Boa vitória, com a qual se colocou à frente da classificação.

Ainda nos agradaram, apesar de penalizados, os cavalos «Gaza», com José Carvalhosa, «Inquisidor», com José Granate, e «Pistola», com Fernando Maia.

A classificação: 1.º — Moraes Monteiro, na «Princesa», 20 pontos; 2.º — D. Fernanda Leote, no «Congo», 19; e 3.º — Abílio Ferro, no «Idolo», 19.

Se o tempo o permitir, a segunda «poule» terá lugar no próximo domingo.

A. T.

Um homem com a barba por fazer

Que feio! Tão pouco elegante! Diremos até: não agrada a ninguém e dá a impressão de pouco afeito. Mas quantas vezes o motivo é a pelo, que não admite a lamina senão de dias a dias; um martirio! — Pois bem: faça a barba e apique Glycol — o ideal da pele — só Glycol, e verá como obtém resultados maravilhosos e pode barbear-se todos os dias.

A venda nas principais casas da especialidade e boas farmácias. Depósitos gerais: Vestura d'Almeida & Pena, rua do Guarda-Mór, 20, 3.º, esp. (a Santos), Lisboa. Enviamos amostras contra 480 um selos do correio, nome e morada.

A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



VOLLEYBALL — No "Torneio de Outono"; 1 — Fase do jogo final para disputa da taça *Stadium*, entre o Cif e o Técnico, ganha pelo segundo; 2 — A equipa do Técnico; 3 — Os juniores do Cif, vencedores da taça "Diário Popular"; 4 — O Futebol Benfica, que conquistou a taça "Diário de Lisboa".
HANDBALL: 5 — Fase do jogo Sporting-Belenenses, no "Torneio de Abertura".
RUGBY: 6 — No encontro entre o Atlético e o Belenenses, no Lumiar, para abertura da época.
FUTEBOL: 7 — Os grupos do Liceu Camões e da Escola Nacional, que disputaram o primeiro jogo do campeonato regional da "Mocidade Portuguesa".

Chaves de todos os modelos

Perderam? Partiram-se? Roubaram-lhas? — manda fazer outras na

CASA DAS CHAVES

Amadeu Gomes da Fonseca
R. da Mouraria, 3 (frente ao Cinema) • Tel. 26850

AVIOMINIATURA no C. A. Campo de Ourique

Inauguração de uma sala de trabalho
e exposição de modelos reduzidos

FOI o Clube Atlético de Campo de Ourique a primeira agremiação desportiva da capital a inaugurar uma secção de aviominiatura, graças ao entusiasmo e iniciativas de um grupo de associados e à boa vontade dos dirigentes do conhecido e simpático clube.

Te-lo há pouco mais de um ano — e neste espaço de tempo a actividade da nova secção desenvolveu-se metódicamente. Assim no passado dia 1, foi aberta ao público, na presença do elemento oficial, uma curiosíssima exposição de modelos reduzidos de avião que despertou justificado interesse e que reuniu numerosa e escolhida assistência.

A secção de aviominiatura do Campo de Ourique, formada por Nuno Spínola, Jélio Pereira, Fernando Bafa dos Santos, Raul Cera de Anjo e Mário Gaspar Pinto, apresentou ao público inúmeros modelos, alguns dos quais reproduzimos nesta página e que constituem conjunto curioso.



Quando à sua perfeição, ninguém melhor do que Varela (id. doutor-entendedor em Ciências Aeronáuticas, se poderá pronunciar. Ao dar a sua opinião no livro de honra do clube, Varela Cid escreveu: "A qualidade dos modelos expostos habilitam-me a considerar a sua laboração na planta de primeira classe".

Aproveitando a abertura da exposição, foi também inaugurada uma sala de trabalho para os aviominiaturistas do clube e a qual foi dada o nome de "Carlos Nazare Silveira da Costa Alves", sócio do C. A. Campo de Ourique, falecido há cinco anos num desastre na Escola de Voo à Vela "Bartholomeu de Gusmão".

Dando começo à cerimónia e depois de lido, pelo sr. Bafa dos Santos, o auto de abertura, usou da palavra o sr. Raul de Oliveira, director do "C.A. Sports", que louvou a iniciativa e encarecendo a nova modalidade a que o Clube se dedica dedicando.

Falaram, seguidamente, Nuno Spínola, director técnico da secção, referiu-se à actividade dos aviominiaturistas do clube e ao auxílio precioso de um conselho dedicado — o sr. Artur Marques Jorge, que tornou possível não só a apresentação da exposição como a abertura da sala de trabalhos.

Depois de descer ao retrato de Carlos Silveira da Costa Alves por sua irmã Maria Fernanda, enveredando a equipa do Campo de Ourique, foi o nosso prezado companheiro de trabalho Antas Teixeira quem, usando da palavra, expôs os motivos que presidem à escolha deste nome para patrono da secção.

Depois de se ter guardado um minuto de silêncio, foi então inaugurada a sala de trabalhos pelo capitão da Aeronáutica, Luis Bettencourt, representante do Aero Clube de Portugal, que foi convidado a cortar as simbólicas fitas.

Falaram por último o sr. Carlos Pardal Cardoso, do "Grupo dos Carpos", e do novo Raul de Oliveira, para apresentar os agradecimentos dos pais do homenagem.

"Stadium", que se fez representar pelo seu redactor Antas Teixeira, felicitou o Campo de Ourique e deseja que a actividade dos seus aviominiaturistas não pare, para que o exemplo frutifique e a sua obra se imponha.



1 — Bom modelo de «Spitfire»; 2 — Aspecto geral da curiosa exposição e um trecho da avultada assistência que a visitou logo após a inauguração; 3 — Antas Teixeira, redactor da «Stadium», evoca Costa Alves, patrono da nova sala de trabalhos; 4 — Outro curioso modelo exposto.

O NOSSO "CURSO PARA CICLISTAS"

Em baixo: Aspectos colhidos na primeira lição prática, efectuada no domingo, sob a direcção do nosso camarada Gil Moreira.



Dão licença para uma opinião?

O futebol ao serviço da propaganda do atletismo

PARECE-NOS que chego o momento oportuno para se intensificar a propaganda do atletismo português, agora em fase de agraçado ressurgimento. Resta só que a A. P. A. e os clubes o queiram aproveitar, visto que as dificuldades a vencer não devem ser de tão alta ordem.

Como é do conhecimento geral, o team do F. C. do Porto vai disputar todos os jogos do Campeonato Nacional ao Estádio do Lima — e sabe-se de ante-mão que, nesses dias, o número de assistentes se contará por milhares.

Aproveitando tão exuberante aglomeração de desportistas, parece-nos que seria de tentar a organização de provas de atletismo, antes ou no intervalo de cada um desses encontros de «cartéis».

Não nos referimos, evidentemente, a provas de atletismo puro, visto que no momento os clubes ainda não dispõem de unidades devidamente preparadas. Mas parece-nos que seria salutar a organização de corridas de obstáculos (steep-chase), especialidade pouco conhecida do nosso público e dos nossos atletas, mas com alguns obstáculos para prender o interesse dos assistentes.

Porque razão não tentam, a A. P. A. e os clubes — sobretudo o F. C. do Porto — esta iniciativa? Estamos certos de que a Federação Portuguesa de Futebol não lhe seria contrário.

O nosso opinião é esta: a propaganda do atletismo português ganhará inveno com a organização de provas atléticas antes ou no intervalo dos jogos de futebol que vão realizar-se no Lima.

Stadium

na Capital do Norte

Organizações da STADIUM em favor do desporto português

Quem ganhará a taça «Joaquim Moreira Júnior»

em disputa na prova de «corta-mato»?

SE outras virtudes não tivesse a nossa iniciativa de movimentar o «corta-mato» norte-nho, uma, pelo menos podia desta já apontar-se: a de contribuir poderosamente para que o Académico de Braga se interessasse pela especialidade. E do conhecimento de todos que os bracarense, mesmo no período áureo do seu atletismo, jamais se preocuparam com as corridas «através dos campos», limitando a sua actividade à época de pista. Costado, na linda capital do Minho e nos seus não menos encantadores arredores, não faltam rapazes com muitas qualidades para aquela modalidade.

Foi preciso, pois, que a nossa revista tomasse a iniciativa de levar a efeito uma prova de «corta-mato» para que os bracarense se resolvessem, felizmente, a pôr em actividade as suas «esperanças» em provas desta natureza, sujeitando-as ao confronto com os valores da cidade do Porto.

Merce aplausos a dinâmica atitude dos dirigentes do Académico de Braga, que para a próxima época — segundo nos afirmaram — estão dispostos a conseguir representação capaz.

Se não existissem outras virtudes, esta bastava para darmos por bem empregados os esforços que estamos a desenvolver no sentido de dar ao «corta-mato» da STADIUM ambiente de franco brilhantismo.

*

Mas se em Braga é grande o entusiasmo pela nossa iniciativa, no Porto não é menor. Os principais clubes continuam a cuidar das suas equipas e o F. C. do Porto zela de jovens «estrangeiros» — e entre estes alguns se afirmaram de futuro apreciável. Por sua vez, o Salgueiros e o Académico também vão levar a efeito competições de igual natureza.

Demonstra-se, com todo isto, que desde que os dirigentes responsáveis queiram trabalhar, organizando, os clubes animam-se e respondem à chamada.

A prova de «corta-mato» da STADIUM, a primeira que se realiza entre nós depois de dois anos de lamentável inactividade, está assegurado êxito excepcional. Como temo dito, o percurso, criteriosamente escolhido nos magníficos terrenos das Cavadas, terá distância aproximada aos 2.500 metros — acessível portanto a todos os concorrentes e recomendável numa altura em que não temos ainda «especialistas» endurecidos pela competição.

Disputa-se a taça «Joaquim Moreira Júnior», que será conferida ao clube que melhor classificar dez atletas, sem distinção de categoria. A inscrição, que estará aberta de 15 e 31 de Dezembro, é absolutamente gratuita.

Quem ganhará a taça «Joaquim Moreira Júnior»?

ENTREVISTAS... pelo telefone

O que nos disse

Augusto Vilela

activo dirigente da Associação de Basketball

SABIAMOS da nomeação de um grupo de dirigentes de diversas Associações Regionais para tratar o problema das sedes daqueles organismos, a maioria dos quais está a funcionar em pequenas salas, sem condições que permitam trabalho perfeito.

Ao chegar até nós aquela notícia, quisemos saber com verdade, e por «linha directa», qual a missão de que estava incumbido o dirigente nomeado e quais os propósitos desta.

Falta a ligação telefónica, ouvimos do outro lado do fio a voz de Augusto Vilela, desportista de elevado mérito, dirigente que tem prestado à Causa Inculcável serviços e que no final da época passada, quando da crise por que passou o «basketball norte-nho», soube elevar o prestígio da respectiva Associação, mantendo-se firme no seu posto de director, apesar de à sua volta só verificar deserções.

Interrogado do motivo que nos levava a telefonar-lhe, Augusto Vilela, prontamente nos informou que a Comissão formada por ele, Álvaro Pinto, Joaquim Alves Teixeira e Carvalhal Esteves, estava encarregada de conseguir um prédio em bom local e com possibilidades para servir de sede a todas as Associações Regionais com excepção do «futebol» — assim como para instalar o Centro de Medicina Desportiva e a Delegação da Direcção Geral de Desportos.

— E tem já algum prédio em vista? — interrompemos.

— Naturalmente, posso dizer-lhe que já pensei num prédio que existe na praça da República, mas que só conheço ainda pelo seu aspecto exterior... Por isso compreende que seria prematura qualquer afirmação, tanto mais que os meus colegas também devem apresentar os resultados das suas pesquisas. Deixe-me lhe diga, porém, que vai ser difícil conseguir o que se pretende — e dêde que se pensou nisto, ou sai obra assada, ou então é melhor ficarmos como estamos...

— É que o prédio a utilizar, além das dependências necessárias para alojar todas as Associações dos chamados «desportos pobres», deve possuir também um salão próprio para assembleias gerais, reuniões solenes e conferências — e o custo mensal não deve ir além dos dois mil e quinhentos escudos...

— Como vê, problema não é tão fácil de resolver como parece à primeira vista! Estávamos devidamente informados do

Stadium

A figura da semana

João Lopes Martins

O facto de determinado praticante desportivo de incontestável valor se manter, através de toda a sua carreira, inestável nos propósitos de profissionalismo e se mostrar sempre dedicado a camisola que envergou pela primeira vez, — não haja dúvidas — digno de admiração e merece ser apontado como magnífico exemplo. É o «caso» desse valeroso atleta do F. C. do Porto que se chama João Lopes Martins.

Pequeno ainda, vimos-lo no célebre team infantil de futebol, que Abel Aguiar soube preparar com «mão de mestre». Começou assim a sua actividade desportiva, que havia ser rica de performances e de êxitos de assinalada importância, através das mais variadas modalidades.

Como jogador de futebol chegou ao grupo de honra; como «Lanballista» fez parte da «turma» que mantém há seis anos o título de campeão nacional; e como jogador de «basketball», presentemente o mais antigo em actividade, mereceu a distinção de «internacional» — e ainda hoje se pode considerar como dos melhores elementos portuenses.

Mas noutras modalidades, Lopes Martins teve, igualmente, actuações de relevo: no atletismo, no «craque» e no «sténis», por exemplo. E em todas estas manifestações, envergando sempre uma só camisola: a «camal-branca» do F. C. do Porto, em eloquente demonstração do seu elevado espírito desportivo.

Por tudo, pois, João Lopes Martins pode ser considerado, e muito justamente, como dos praticantes mais representativos do desporto portuense.

O F. C. do Porto pode ter orgulho neste seu valeroso atleta!

ATLETISMO

Os «estrangeiros» de 1944

deixaram óptima impressão

VÁRIAS vezes o temos afirmado, qualquer modalidade só poderá viver em franco auge progressivo desde que a sua «população praticante» cresça, de época para época, o concurso de novos elementos. Isto é, o facto de determinado desporto gozar dos benefícios que à sua propaganda e expansão lhe traz um «clote» de excepcionais atletas, não é razão para que todas as no suas atenções se voltem para aqueles, olvidando a preparação dos que começam a sua carreira. É que terminado o período áureo dos «ases», a modalidade ver-se-á em situação de «crise» — que é muitas vezes fatal para a sua existência!

Foi precisamente o que aconteceu ao atletismo portuense. Os clubes, deslumbrados pelas proezas de praticantes já consagrados e que dispensavam cuidados especiais de preparação, e a Associação Regional, inactiva e incapaz de orientar, não fazendo ver aqueles o que iria passar-se para lá do presente, num somatório que reflectia incompetência e desinteresse — levaram a multiplicação de «clotes» que todos nós conhecemos.

Por essa razão — pois o «mal» estava feito — foi necessário reconhecer, foi preciso conseguir um «clote» de vontade firme, para dar à população praticante do nosso atletismo a seguinte e lógica fonte de energias, capaz de criar atletas ápticos e de ajudar também a construir o edifício, que simboliza aqui a vida da modalidade.

Ora a época de 1944 serviu, na verdade, de óptimo alceite ao futuro do atletismo portuense!

Os clubes voltaram a interessar-se pela sua prática; a A. P. A., orientada por desportistas jovens e dinâmicos, trabalhou para corresponder ao esforço dos seus filiados; e sobretudo — aqui reside o factor principal — a modalidade foi enriquecida com «sangue novo», neste caso representado por numeroso conjunto de jovens «estrangeiros» que dão francas esperanças. Isto quer dizer que o atletismo portuense, depois de duas épocas de «crise», volta a firmar bases para conquistar futuro risonho. Só por este facto, se outros não houvessem, a época de 1944 ficaria assinalada como notável.

FLECHA

a melhor bicicleta

Notas da semana

Juniors de «handball»

Está a desenvolver-se no Porto uma campanha destinada a fomentar a ideia da constituição de grupos de juniors nos clubes praticantes deste desporto, com vistas a um campeonato regional da categoria.

Tal pensamento só pode merecer aplausos, pois não fáceis de prever os largos benefícios que advirão da realização prática dessa ideia.

Não se compreende mesmo que, havendo já juniors no «basketball» — para não nos referirmos aos do futebol — não haja o cuidado de preparar jovens que possam suprir a falta dos que têm dado todo o seu «esforço e dedicação pela causa que abraçaram.

Seleccionador único

no «handball»?

Nada se sabe quanto à orientação que vai seguir-se quanto à indicação das pessoas que deverão proceder à escolha do grupo representativo da cidade. Uns pensam que deve haver um seleccionador único; outros opinam por que essa tarefa seja incumbida ao conselho técnico.

Guardemos que, oficialmente, haja qualquer coisa de positivo.

Uma casa para os desportos

Leva indícios de breve finalidade o arrendamento de uma casa para a instalação das sedes das associações distritais de todas as modalidades, à excepção do futebol, e da Comissão Distrital de Árbitros do desporto-rei.

Na reunião efectuada na sede da As-

sociação de Futebol do Porto, Aguiar presidiu o delegado da Direcção Geral de Desportos, o sr. Alberto Brito, presidente daquela entidade, expôs sucintamente o que se havia passado até então e as dificuldades sobrevidas para a solução do assunto. Depois de larga troca de impressões, foi constituída uma comissão, da qual fazem parte representantes do «handball», «basketball» e «hockey» em campo, e ainda de um jornalista, para pôr em prática o projecto.

Reconhecendo-se a falta dos representantes de três modalidades desportivas, uma delas de grande desenvolvimento no norte.

O Salgueiros trabalha...

Diz-se que a direcção e o treinador do clube de Augusto Leiza estão pouco especiais cuidando na readaptação de alguns dos seus jogadores das primeiras categorias de futebol em lugares diferentes daqueles que normalmente ocupam.

É um trabalho de larga responsabilidade, que exige atenção especial da parte de quem se encarregou dessa tarefa, porquanto não se deverá descuidar o facto de o Salgueiros estar, neste momento, a disputar um campeonato ao qual tem de dever a cumprir.

Reconhecendo-se que o Salgueiros possui bom lote de jogadores, alguns de merecimento próprio, não é impossível — embora seja difícil — dar um arranjo ao grupo, para obter melhor rendimento.

Boxe no Porto

O que se está passando com as sessões de boxe nesta cidade não depõe muito a favor da organização desses encontros. Os adiantamentos dos espectadores anunciados, alguns quasi à última hora, causam aborrecimentos aos admiradores de «nobre arte». Muitos dos que gostam de presenciar estas pugnas são pessoas de fora da cidade, a quem estas alterações causam transtorno, que, afinal, só se reflectem na propaganda do boxe entre nós.

— Bom será, pois, que estes casos sejam evitados para o futuro, porque tudo ganhará com isso.

Desportos de bola

Os torneios de abertura de «handball», em primeira e segunda categorias, terminaram no dia 1 de Dezembro com a dupla vitória do Sporting sobre o Belenenses; o clube dos «leões», que por ocasião da sua primeira disputa ficara também detentor dos dois magníficos trofeus oferecidos pelo sr. Ministro da Alemanha, alcançou por esta forma a segunda vitória consecutiva — que lhe era necessária para assegurar a permanência definitiva dos referidos prémios no seu arquivo.

O encontro entre as categorias de honra foi caracterizado por incidentes que motivaram a expulsão de três homens, dois belenenses e um sportinguista; depois dos graves incidentes de indisciplina da semana anterior, o comportamento destes homens é sintoma alarmante de péssimo espírito desportivo, tornando-se necessário que a entidade dirigente aplique severos castigos aos culpados, exemplares castigos que a todos façam compreender que a lealdade, o domínio dos próprios instintos e o respeito pelo adversário são condições indispensáveis para se praticar qualquer desporto.

O jogo teve poucas qualidades a recomendar-lo; os «azuis» ganharam ascendente inicial e chegaram ao intervalo ganhando por 3-1, apesar de inferiorizados numa unidade. Nos primeiros cinco minutos da segunda parte o Sporting alcançou o empate e cresceu daí em diante, aproveitando a desorganização adversária.

O resultado final foi de 9-3, e de 8-3 na segunda categoria.

Para decisão do terceiro lugar jogaram «Os Treze» e o Benfica, vencendo o primeiro, por 4-2, e os «encarnados» em segunda categoria, por 6-1.

No domingo de manhã, no relvado das Salésias realizou-se mais um treino para apuramento do grupo seleccionado de Lisboa, para efeito do jogo de 1 de Janeiro, contra Madrid.

O trabalho no campo decorreu sem preocupações e o seleccionador Acácio Rosa reteve para a escolha definitiva do grupo, os seguintes jogadores:

Osvaldo e Luiz Neves («Os Treze»); Natividade e Valério (Belenenses); Abreu e Domingos Vicente (Estoril); Almasqué, Jaime Silva, Correia César, Tomás Macedo e Leonel (Sporting); Armando Pereira (Benfica); Arlindo, Miranda, R. Macara, Pimenta e António Pereira (Cuf).

Todos estes elementos vão ser sujeitos a rigorosa preparação física, confiados aos cuidados do prof. Fernando Ferreira e sob a vigilância da Direcção Geral de Desportos.

HANDBALL — Os trofeus do Clube Alemão ficaram ambos no Sporting RUGBY — Abriu a nova época VOLLEYBALL — O Técnico conquistou a taça «SADIUM»

A Associação de Rugby de Lisboa, única entidade que dirige a escassa prática desta modalidade no país, inaugurou na passada sexta-feira, no Estádio do Lumiar, a nova época, com um festival bastante animado, que lhe serviu também para entrega dos prémios aos dois clubes melhor classificados do campeonato precedente.

O programa comportava dois jogos; no primeiro, o Sporting e o Benfica empataram, a três pontos, e no outro o Belenenses derrotou o Atlético, por 9-0.

A exibição dos quatro concorrentes foi ainda de estilo bastante... «princípio de época» o treino é escasso (foi o Benfica aquele que pareceu melhor preparado) e as jogadas saem confusas e imprecisas, com grande prejuízo para o interesse do espectador.

Achamos de bom augúrio que a Associação tenha principiado já com a actividade dos seus filiados, afim de preparar as suas coisas para mais cedo começar com o campeonato e evitar assim que venham a jogar-se encontros em campo duro e já com o calor a apertar.

Seria a maior conveniência que o organismo dirigente promovesse esta época a disputa de um torneio de segundas categorias, única maneira eficaz de estimular a reunião de novos adeptos e convencer os clubes a fazer escola entre os seus associados.

*

Terminaram no domingo, com o maior êxito, os torneios finais da Associação de Volley-

Ano II — Lisboa, 6 de Dezembro de 1944 — II Série — N.º 105

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUIHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LDA.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º

TELEFONE 5 1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ball, que chamaram ao campo da Estrêla numerosa e entusiástica assistência. Esta modalidade segue pelo melhor caminho, progride e prepara-se, alcançando resultados que são o justo prémio do trabalho acertado e persistente dos seus directores.

A taça Stadium, destinada ao vencedor do torneio da Divisão de Honra, foi, como todos esperavam, ganha pelo L. S. Técnico, o grupo invencível, que bateu o Internacional por 15/1 e 15/10. Na segunda partida, o «Cuf» chegou a levar vantagem por 9/3, mas os «engenheiros» cerraram a defesa e não consentiram mais pontos. O grupo vencedor alinhou: Serpa Pimentel, Fonseca, Arruda, E. Martins, D. Cohen e F. Frade.

A prova da Primeira Divisão concluiu pela vitória do Futebol Benfica sobre o Olímpico, por 15/4 e 15/7. Triunfo fácil, como se verifica, e resolvido em curto prazo de tempo.

A final dos júniores, entre o Sporting e o Internacional, foi o jogo mais reñido da jornada e terminou a favor dos «negros», por 15/9, 11/15 e 22/16, como poderia ter acabado a favor dos «verde-brancos».

Os «leões» tiveram na terceira partida vantagem por 15/12 e 16/14, mas faltou-lhes a embalagem final — quando tinham a vitória à vista.

JOSÉ DE EÇA.

ALFREDO VALADAS

(Continuação da página 2)

Valadas momentos de indizível satisfação. Depois os abraços de amigos e de adversários — que também amigos são...

Até no último acto da sua carreira Alfredo Valadas soube traduzir da melhor maneira o ideal desportivo. Francamente, sentimos não poder ser os primeiros a noticiar a atitude deveras simpática de provocar o reatamento de relações entre um companheiro de clube, Gaspar Pinto, e o correcto «leão» Fernando Peyroteo. Assim Valadas deu mais uma prova das suas belas qualidades de caracter.

Pouco interessa falar dos desafios de futebol. Nem pretendemos mais do que assinalar o afastamento de Valadas — um jogador cuja falta se fará sentir por algum tempo, pois o extremo esquerdo do Benfica ainda podia servir o seu clube e o desporto com toda a utilidade.

CURSO DE CICLISTAS

(Continuação da página 10)

ples motivo de que poucos são os que possuem quadros com medidas proporcionais à sua estatura.

Para que se pudesse avaliar a comodidade e o rendimento da boa posição, Gil Moreira, escolheu três bicicletas modernas, entre elas a de Eduardo Lopes, que acompanha a caravana, e convidou alguns alunos com a estatura daquele corredor a montar tais máquinas. Foi deveras proveitosa semelhante experiência porquanto, quem a ela se submeteu, concluiu que, afinal, isto de ciclismo, como disse um aluno, é coisa mais difícil do que parece e que bem merece ser estudada nos seus múltiplos aspectos.

Até uma conhecida ciclo-turista — D. Hortense Freire — concordou com semelhante opinião, porque ela própria acabou por verificar nesta lição prática que a sua bicicleta é, pelo menos, 5 cm. mais curta que o indicado para a sua altura.

Ao terminar as suas explicações, Gil Moreira marcou a próxima lição teórica — a última deste proveitoso curso — para depois de amanhã.

Acontecimentos da semana

ATLETISMO — Disputaram-se mais cinco torneios, organizados pelo Belenenses (2), Benfica e Ateneu Comercial e destinados a socios e simpatizantes dos mesmos clubes.

Na competição dos «encarnados» aprovaram-se os seguintes vencedores: 80 metros — Mário Reis, 9 s. 7/10; 100 metros — Eurico Dias, 42 s. 1/10; 1.000 metros — Henrique Oliveira, 3 m. 9 s. 2/10; Altura — Jorge Veloso, 1,85 metros; Comprimento — Mário Reis, 6 metros; Peso — Fernando Silva, 11,14 metros.

O simpático resparcimento dos «acelistas» forneceu os vencedores que se seguem: 60 metros — Correia Fonseca; 250 metros — Rui Fonseca; 700 metros — José Tiago; 2.000 metros — José Tiago; Altura — José Pinto; Comprimento — José Pires; Disco — Francisco Madeira; Peso — Flaminio Pimenta.

Os primeiros dos dois torneios dos «azuis», 80 metros — Lino Lopes, 10 s. 2/10; 700 metros — Henrique Mendes, 2 m. 9 s. 2/10; 250 metros — Feliciano Carraca, 52 s.; Altura — Lino Lopes, 1,50 metros; Disco — J. Ladislau, 27,56 metros; Peso — Ladislau Martins, 10,90 metros; Dardo — José Luiz, 27,55 metros.

No segundo torneio, os primeiros lugares foram: 250 metros — Mário Aguiar, 58 s.; 700 metros — Vergílio Gomes, 2 m. 17 s. 2/10; 1.000 metros — António Cruz; Altura — Moura Pereira, 1,85 metros; Peso — David Silva, 11,80; Disco — Ladislau Martins, 24,95 q.

As provas dos «leões» tiveram os seguintes vencedores: 80 metros — Jaime Duarte, 9 s. 7/10; 250 metros — José Cabecadas, 35 s.; 700 metros — Domingos Pinhão, 1 m. 56 s. 6/10; 2.000 metros — Fernando B. Silva, 3 m. 20 s. 6/10; Peso — Paulo Cardoso, 10,84 metros; Disco — José Marreiros, 27,88 metros; Dardo — Paulo Cardoso, 33,75 metros; Comprimento — Borja Santos, 5,62 metros; Altura — Orlando Silva, 1,50 metros.

BASKET-BALL — Disputaram-se os primeiros encontros da sétima «ronda» do campeonato lisboeta. Verificaram-se os seguintes resultados: — Divisão da honra — C. U. F. Carnide, 35-59 em 2.º, e 36-19 em 3.º; Benfica-Belenenses, 17-18 e 13-51; Sporting-Lisga 31-27 e 20-38; Atlético-Alges e Dafundo, 29-27 e 33-36.

1.º Divisão — C. Ourique-Maria Pia, 38-16 em 2.º, e 27-33 em 3.º; Casa Pia-Rio Seco, 28-30 e 28-30; e Operário-Bravo de Prata, 47-21 e 35-25.
II Divisão — C. I. F. Campolide, 22-57 em 1.º, e 67-19 em 2.º; Tabacos-Lisboa Ginmáσιο, 24-20 e 16-20; Pena-Boa Hora, 24-23 e 31-28; e Nacional-Pedroços, 25-33 e 14-35.

Campolide, Lisboa Ginmáσιο, Boa Hora e Nacional marcaram pontos, em terceiras.

GOLF — No Estoril inaugurou-se a temporada de 1944-45, que promete decorrer com grande interesse. Na prova de abertura, em «medal-handicap», registou-se a vitória de um jogador dos mais novos que pisam o campo da Costa do Sol — Luis Filipe de Sousa La, que totalizou 67 pontos. Seguiram-se-lhe o dr. Sousa e Melo e o buguaro Uptéry, ambos com 69 pontos.

— A taça «Bisce» foi disputada por 37 jogadores, em «begey-handicap». Após desempate, a vitória foi atribuída ao Visconde de Soveral, com 1 sup; em segundo lugar ficou Uptéry, com 1 «down». Irving, Casanova e Nuno de Castro Pereira, ficaram em terceiro lugar (empatados) com 1 «down».

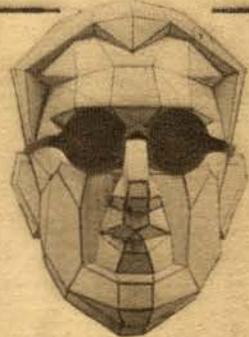
TENNIS — Começou a disputa dos torneios de «handicap», promovidos pelo Sporting Club de Portugal para atribuição das taças «Alvaro Costa» e «Sporting». Em qualquer das provas a inscrição foi bastante numerosa, provocando, por isso, grande número de encontros.

A falta de espaço obriga-nos a reservar para o próximo número os habituais comentários.

TENNIS DE MESA — Incluído no programa das festas comemorativas do 42.º aniversário do Club Internacional de Futebol, disputou-se o primeiro encontro (1.º, 2.º e 3.º categorias) do torneio C. I. F. Monte Pedral. Os «Internacionalistas», alinhando Nuno Palma, Manuel de Castro e J. J. Araújo, venceram por 5-1.
Terminou o torneio organizado pelo Belenenses para disputa da taça «Acácio Rosa», que foi ganha por Armando Costa, com 21 pontos, seguido de João Santos Gouveia e João Nunes Correia, com 20 pontos.



BEFICA-ACA-
DÊMICA: 1- Uma
 fase que patenteia
 quanta energia em-
 pregou o ataque
 dos «encarnados»
 e a defesa colimbrã;
2- Grangeia numa
 estrada de certo
 risco, mas na qual
 levou a melhor;
3- Outra defesa
 do «kasper» aca-
 dêmico, exercitada
 no momento cul-
 minante...
VITÓRIA (G)
- ESTORIL:
4- Ferras marca
 de cabeça o 1.º
 «goal» vimeirense;
5- Valongo en-
 tra com energia
 para salvar um
 tento certo.



POUPE A SUA VISTA!
 Use só lentes de 1.ª qualidade

**Binóculos, Barômetros,
 Bússolas de marcha, etc.**

Casa especializada — Fundada em 1865

GIL OCULISTA

TELEFONE 2 3859 — 138, Rua da Prata, 140